

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# A comparação além da oração: o uso de construções imperativas de atitude proposicional

Felippe Tota

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8110>

Submetido em: 2024-02-17

Postado em: 2024-03-18 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Maity Siqueira (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8775-4563>)

## A comparação além da oração: o uso de construções imperativas de atitude proposicional

### *Comparison beyond the clause: use of imperative propositional attitude constructions*

Felippe de Oliveira Tota

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Univerisdade Católica Portuguesa (UCP)

E-mail: [felippe.tota@gmail.com](mailto:felippe.tota@gmail.com)

ORCID: 0000-0001-9622-062X

**RESUMO:** Na última década, alguns trabalhos têm discutido as possíveis manifestações linguísticas da comparação no Português Brasileiro (PB), propondo novas maneiras de categorizá-las (Tota, 2013; Thompson, 2019; Rodrigues e Thompson, 2020; Siqueira e Tota, 2022). Em geral, essas propostas sinalizam o quanto as gramáticas normativas e outros tipos de descrição do PB não elencam suficientemente todas as manifestações linguísticas da comparação, aquém e além do nível oracional. Diante disso, temos investigado o comportamento sintático, semântico e discursivo daquelas que chamamos de “construções imperativas de atitude proposicional”. Partimos aqui de duas hipóteses: 1) a comparação não é mera categoria semântica, mas advém de um esquema cognitivo mais amplo; 2) enunciados introduzidos por alguns verbos epistêmicos – “*pensar*”, “*imaginar*”, “*supor*” – podem, se integrados à conjunção subordinativa *que*, funcionar como marcadores do discurso e mediar relações circunstanciais de comparação. Assim, dizer “Você precisa ter mais confiança quando joga bola, como se fosse o Rei do Futebol, o Pelé.” ou “Você precisa ter mais confiança quando joga bola. Imagine que você é o Rei do Futebol, o Pelé.” seriam duas possibilidades de expressar comparação. No primeiro caso, há um articulador canônico, “como se”, que torna a nuance semântica evidente. Já no segundo caso, a relação entre os períodos não seleciona um conector comparativo, mas apresenta construção do tipo [Vepis que]: ela constrói um espaço de hipótese, que é cotejado ao elemento mencionado anteriormente no mesmo enunciado. As fundamentações deste estudo recorrem à Linguística Cognitiva e à Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Mais especificamente, consideram-se aqui as contribuições de Langacker (1987, 2008), Johnson (1987) e Hilpert (2014), no sentido de delinear as dimensões estruturais, discursivas e cognitivas da referida construção. Tais perspectivas teóricas alicerçaram nossas escolhas metodológicas, principalmente no que se refere à convencionalidade e à frequência dos usos linguísticos. Inicialmente, aplicamos estratégias comuns à Linguística de *Corpus*, a fim de alçar dados reais e suficientemente representativos. Foram extraídas, pela plataforma *Corpus do Português*, 9679 ocorrências, dentre as quais 1000 amostras foram selecionadas para análise. Numa segunda etapa, desenvolvemos uma tarefa psicolinguística de compreensão, cujos itens do experimento foram elaborados a partir dos resultados da análise do *corpus*. O objetivo foi medir estatisticamente, em uma amostra de usuários da língua, o quanto a comparação pode ser percebida quando há este tipo de construções imperativas. Com o experimento, os usuários também puderam indicar se consideravam essas estruturas necessárias (ou não) para identificar a comparabilidade na relação entre as orações e frases. Ao serem cruzados os resultados das análises, chamou atenção a quase totalidade de construções em contextos de exemplificação (*frames* de exemplo), comuns também a construções comparativas canônicas. Foram esses também os itens que apresentaram índices mais altos de comparabilidade na tarefa de compreensão, se correlacionados com as outras realizações da mesma construção. As análises também

indicaram predileção entre o uso dos verbos, de modo que “*imaginar*” e “*supor*” sejam os preferidos ao se estabelecerem comparações hipotéticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** atitude proposicional; comparação; Construction Grammar.

**ABSTRACT:** During the last decade, some works have discussed the possible linguistic manifestations of comparison in Brazilian Portuguese (BP), proposing new ways of categorization (Tota, 2013; Thompson, 2019; Rodrigues and Thompson, 2020; Siqueira and Tota, 2022). In general, this indicates how normative grammar and other *types* of description do not sufficiently list all linguistic manifestations of comparison, below and beyond the clausal level. Given this, we have investigated syntactic, semantic, and discursive behavior of what we call “imperative constructions of propositional attitude”. We start here with two hypotheses: 1) comparison is not a mere semantic category, but comes from a broader cognitive scheme; 2) statements introduced by some epistemic verbs – *pensar* (think), *imaginar* (imagine), *supor* (suppose) – can function, if integrated with the conjunction *que* (that), as discourse markers and mediate circumstantial relations of comparison. So, saying “Você precisa ter mais confiança quando joga bola, como se fosse o Rei do Futebol, o Pelé (You need to have more confidence when you play ball, as if you were the King of Football, Pelé)” or “Você precisa ter mais confiança quando joga bola. Imagine que você é o Rei do Futebol, o Pelé. (You need to have more confidence when you play ball. Imagine that you are the King of Football, Pelé.)” there would be two possibilities to express comparison. In the first case, there is a canonical connector, “as if”, which makes evident the semantic. Second, the relationship between clauses does not select a comparative connector but presents a construction of the type [V epis que]: it builds a hypothesis space, which is compared to the element mentioned previously in the same statement. The foundations of this study rely on Cognitive Linguistics and Usage-Based Construction Grammar (GCBU). More specifically, the contributions of Langacker (1987, 2008), Johnson (1987) and Hilpert (2014) are considered here, in order to outline the structural, discursive and cognitive dimensions of the aforementioned construction. Such theoretical perspectives supported our methodological choices, especially with regard to the conventionality and frequency of linguistic uses. Initially, we applied strategies common to *Corpus* Linguistics, in order to obtain real and sufficiently representative data. They were extracted by the platform *Corpus* do Português, 9679 occurrences, among which 1000 samples were selected for analysis. In the second stage, we developed a psycholinguistic comprehension task, whose experimental items were created based on the results of the *corpus* analysis. The aim was to statistically measure how much the comparison can be perceived when there is this type of imperative construction, in a sample of speakers. Therefore, they were also able to indicate whether they considered these structures necessary (or not) to identify comparability in the relationship between clauses and phrases. When analyzing the results of the analyses, attention was drawn to almost all constructions in exemplification contexts (frames of example), also common to canonical comparative constructions. These were also the items that showed higher levels of comparability in the comprehension task, if correlated with other achievements of the same construction. The analyzes also indicated a predilection between the use of verbs. The result is that “imagine” and “suppose” are preferred when establishing hypothetical comparisons.

**KEYWORDS:** propositional intent; comparison; Construction Grammar.

## INTRODUÇÃO

As pesquisas recentes acerca da língua portuguesa voltam-se frequentemente aos desafios que a aliança entre o uso e a descrição nos trazem, sobretudo naquilo que diz respeito à prática docente. Isso acontece porque, ao notar o texto, bem como a sua organização, as suas unidades discursivas e os seus contextos de realização, o investigador em linguagem (professor ou não) pode ampliar as impressões que se perpetuam no cânone acerca de um uso específico. É por essa via que este artigo quer avançar.

Mais especificamente, trata-se aqui da forma como podem ser discutidas as relações circunstanciais em enunciados<sup>1</sup>. Este trabalho questiona se pode existir, para além do nível da sentença complexa (ou do período composto, como tradicionalmente nomeada; ou da cláusula, tal qual teorias baseadas no uso têm denominado), a manifestação linguística das relações de comparação no Português do Brasil (PB) em uso. Vejamos: segundo a tradição gramatical, o tratamento dado às relações circunstanciais no âmbito do período composto envolve o uso de conectores que revelam tais circunstâncias; assim, é comum que palavras do tipo *como*, *assim como*, *bem como*, *como se* etc. integrem essas cláusulas, conforme é possível observar nos exemplos (1) e (2).

(1) *Ele fala como se fosse um papagaio.*

(2) *Desconsiderar pensamentos ruins é como explodir balões cheios de ar.*

Por outro lado, um conjunto mais amplo de cláusulas também pode evidenciar a comparação, recorrendo a possíveis marcadores discursivos de atitude proposicional. Um deles está destacado no enunciado (3), que foi parafraseado em (3'), a seguir.

(3) *Considere como pensamentos e crenças equivocadas podem fazer com que inconscientemente nos boicotemos e não consigamos aproveitar prazeres e felicidade quando as coisas vão bem ou quando alguém nos ama? Imagine que esses insights explodam o balão destas fantasias e imagine-se aproveitando a felicidade.<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> O conceito de enunciado é aqui assumido nos termos de Bakhtin (2006), ou seja, como a unidade da comunicação verbal, ou, mais ainda, o produto da relação dialógica entre interlocutores.

<sup>2</sup> Este exemplo corresponde a um uso autêntico da língua, extraído da plataforma *Corpus* do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/>).

(3') *Desconsiderar pensamentos e crenças equivocadas (...) é como explodir o balão dessas fantasias e aproveitar a felicidade.*

Por isso, traçou-se como objetivo central deste artigo observar o quão convencionais são, no PB, essas estruturas que:

- a) podem sinalizar atitudes proposicionais e intersubjetivização do discurso e, por consequência;
- b) podem, assim como conectores prototípicos, manifestar as mesmas orientações discursivo-pragmáticas de uma comparação hipotética.

Elencam-se aqui, além de *imagine que*, mais quatro expressões a serem mapeadas: *vamos imaginar que*, *suponha que*, *vamos supor que* e *pense que*. Acredita-se ainda, neste trabalho, que cada uma delas pode assumir o *status* das construções imperativas de atitude proposicional [(V<sub>aux</sub>) V<sub>epis.</sub> que]. Em estudos linguísticos com uma abordagem baseada no uso, chama-se de *construções* todo pareamento convencional entre forma e significado que possa representar o conhecimento do usuário de uma língua (Croft; Cruse, 2004; Goldberg, 2006), associado em uma rede cognitiva que não estrutura os níveis da linguagem de forma discreta. Já o conceito de *atitude proposicional* é adotado em alguns estudos, como os de Valentim (2005), para se fazer menção ao tipo de atitude que o falante/ouvinte de alguns verbos — como *pensar*, *julgar*, *crer*, *achar*, *supor*, *acreditar*, *duvidar*, *saber*, *ignorar* — pode expressar em relação a uma proposição<sup>3</sup>.

Como aparato metodológico desta pesquisa, chamaram atenção alguns procedimentos da Linguística de *Corpus* (LC) e da Psicolinguística. Recorrer à LC como método de coleta e análise de dados linguísticos é reconhecer a importância da interação de uma língua para a respectiva descrição. Isso vai ao encontro das metas previamente estabelecidas neste trabalho e das teorias linguísticas baseadas no uso, as quais justamente elegem o enunciado como o nível básico de análise linguística. Mais ainda, são os recursos da LC que nos possibilitam atentar aos usos linguísticos mais prováveis, fornecendo análises qualitativas e quantitativas que indicariam respostas quanto à convencionalidade das construções pertinentes a este estudo. Já a psicolinguística oferece a análise experimental como estratégia de observar a realidade psicológica dos indivíduos.

---

<sup>3</sup> Adota-se aqui a noção de proposição enquanto “conteúdo semântico de uma sentença” (Castilho, 2014: 688), ou seja, admitindo a realização linguística de um estado de coisas.

A realização desta pesquisa decorreu de dois motivos. O primeiro relaciona-se à introspecção e intuição do analista acerca do caráter intersubjetivo que persiste em enunciados comparativos, até mesmo linguisticamente (o conector *como se* é uma clara evidência da relação entre comparação e hipótese). Nesse sentido, não parece estranho considerar a emergência dos mesmos valores semânticos quando são usados verbos de natureza epistêmica (de pensamento), como *pensar, imaginar, supor* etc. Já a segunda razão associa-se ao próprio movimento do pesquisador que lida com o uso: a partir das situações reais de interação e da natureza mutável das línguas, é possível reconsiderar a cultura linguística, apontando-lhe possibilidades de descrevê-la e aplicá-la. Entender a materialização linguística não canônica da comparação pode servir, por exemplo, como estímulo a estratégias para a produção de textos em gêneros discursivos próprios.

Este artigo é dividido em mais seis seções, além da introdução. A segunda versa acerca das teorias que alicerçam o trabalho. A terceira apresenta a metodologia adotada para mapear a convencionalidade das cinco estruturas supracitadas. A quarta, a quinta e a sexta dispõem análise e discussão dos dados coletados. A sétima encerra o texto com considerações e conclusões provindas de todo o processo.

## 1. CAMINHOS TEÓRICOS

### 1.1 Por que a Gramática de Construções?

Conforme já elucidado, este trabalho recorre a teorias baseadas no uso. Mais especificamente, os alicerces dessa investigação flertam com conceitos da Gramática de Construções (GC), um modelo teórico que, grosso modo, compreende todo o conhecimento linguístico em termos de *pareamento entre forma e significado*. Isso envolve tanto realizações mais concretas (como as palavras lexicais) quanto estruturas sintáticas inteiramente abstratas, como as relações entre o verbo e os seus complementos. No modelo da GC, todo o nosso conhecimento linguístico é composto por um conjunto de construções, as quais seriam além de palavras, mas também expressões mais regulares, esquemas morfossintáticos, padrões entoacionais etc.

No Brasil, muitos dos estudos em GC têm se orientado a partir dos pressupostos de Ronald Langacker (1987, 2008), de Adele Goldberg (1995, 2006) e de William Croft (2001). Eles trazem contribuições importantes e contínuas para refletir as categorias gramaticais em termos de processamento cognitivo, de evento comunicativo e de convencionalidade.

Os trabalhos desenvolvidos à luz dessa corrente costumam esboçar as restrições e as propriedades léxico-gramaticais das estruturas partindo das situações reais de interação. Isso acontece, sobretudo, se o uso, embora integre o conhecimento linguístico do falante, é entendido canonicamente como um desvio dos padrões formais e funcionais de uma estrutura linguística. É por essa via que a Linguística de *Corpus* se torna uma aliada à GC, uma vez que é capaz de informar frequência e coocorrência entre dois ou mais itens do léxico. Ainda que as ferramentas de Linguística de *Corpus* não automatizem o suficiente a identificação de construções (principalmente aquelas que são mais abstratas), esse é um recurso que pode “sistematizar e implementar etapas de análise linguística manual” (McEnery e Hardie, 2011, p. 183).

## 1.2 As orações comparativas no português do Brasil (PB)

De acordo com Langacker (1987, p.101), a comparação é fundamental para o processamento cognitivo e a estruturação da experiência. Nas palavras do autor, a capacidade de comparar dois eventos, numa relação de mutualidade  $X \Leftrightarrow Y$  é

generalizada e onipresente: atos de comparação ocorrem continuamente em todos os domínios cognitivos ativos e em vários níveis de abstração e complexidade; independentemente do domínio e do nível, além disso, eles são manifestações da mesma capacidade básica (ou pelo menos são funcionalmente paralelos).  
(Langacker, 1987: 101, tradução nossa)

Essa afirmação, por si só, já sugere o quanto as línguas podem nos oferecer diferentes possibilidades de compararmos eventos e registrar-lhes semelhanças e diferenças.

No Português do Brasil (PB), as *orações subordinadas adverbiais* são as formas mais convencionais de expressar a comparação. Normalmente, quando é este o tema abordado, a Gramática Tradicional (GT) apresenta listagens e classificações que mesclam comportamento sintático e (in)(ter)dependência semântica. Pouco se discute sobre o papel discursivo pragmático dessas estruturas, comumente categorizadas a partir dos conectores que a integram, em exemplos que apontam um comportamento sintático limitado. Cunha & Cintra (1985, p. 574) estabelece que “as conjunções comparativas delimitam o segundo membro de uma comparação, de um confronto” e que elas encabeçam as chamadas *orações subordinadas adverbiais comparativas*. Luft (1978), além de elencar as conjunções prototipicamente comparativas, ressalva que a estrutura da oração comparativa apresenta, geralmente, verbo elíptico, cuja referência sempre será anafórica àquele da primeira oração. Rocha Lima (1983) lista as conjunções “que, do que (depois de mais, menor, menos, maior, menor, melhor e pior),

qual (depois de tal), quanto (depois de tanto), como, assim como, bem como, como se, etc.” (Rocha Lima, 1983, p. 163) e se estende, ao agrupar as orações subordinadas adverbiais comparativas de duas maneiras: quantitativas e assimilativas.

Em geral, a tradição gramatical elenca a conjunção *como* como a forma prototípica na articulação de orações comparativas. Entretanto, outras descrições oferecem diferentes análises. O texto de Martins (1967), por exemplo, cita a possibilidade de comparar em períodos extensos ou separados. A autora afirma que, na escrita em “prosa moderna, são escassas as comparações extensas, em que se descreve minuciosa e enfaticamente pelo menos um dos termos comparados. Mesmo não sendo muito extensa, pode a comparação fazer-se em orações separadas” (Martins, p. 214, 1967). Já a análise de Mateus *et al* (2003) discute a arquitetura truncada das orações comparativas, referindo-se à elipse verbal e à posição posposta dessas estruturas. Sem restringir as orações comparativas a um processo comum de subordinação — em que as orações são móveis, com verbos expressos — as autoras reconhecem-nas como “construções de graduação e comparação” que envolvem proposições que, de diferentes modos, estão relacionadas com a expressão de grau” (Mateus *et al*, 2003, p. 731).

No século XXI, estudos mais orientados à relação entre conhecimento e uso da linguagem exploraram as relações entre comparação e expressão de grau. Pires (2013) investigou um tipo específico de comparação, instanciado pelo conector *que nem*, a Construção Hiperbólica por Símile (CHS). Para o autor, frases como “Ele come que nem um touro”, além de evocarem a noção de similaridade, evocam subjetivamente a cena de “posição máxima em uma escala”. Além da CHS, são elencados por Thompson (2019) outros tipos de construção não canônicas, que veiculam a comparação. A pesquisadora defende que as *construções comparativas assimilativas* (CCA) podem ser instanciadas por conectores que não assumem, necessariamente, o *status* de conjunção — *feito*, *tipo*, *igual* e *que nem* — e, nessas circunstâncias, podem reforçar ou mais a noção de semelhança, ou mais a noção de exemplificação, ambas inerentes à comparação.

Grosso modo, o estado da arte acerca da comparação assume que ela “pode se manifestar linguisticamente no nível do sintagma nominal e da sentença simples — além do nível textual —, e não apenas no âmbito das orações subordinadas adverbiais” (Rodrigues; Thompson, 2020, p. 165). Portanto, a elaboração de enunciados comparativos pode ser, nos níveis de forma e de conteúdo, mais rica do que a tradição costuma apontar.

### 1.3 A comparação e a nuance de hipótese

A relação entre comparação e hipótese é comumente materializada pela locução conjuntiva *como se*. Ao delinear um panorama dos casos do PB em que a comparação se realiza, Martins (1967) defende que a comparação hipotética exige que “segundo termo da comparação” construa um evento “imaginado, suposto, hipotético” (Martins, 1967, p. 212). Além disso, esses usos são muito comuns em “textos de fundo psicológico”, em que há um “um esforço mental de encontrar uma explicação para qualquer fato, ou coisa que determina uma impressão mais forte”.

No texto de Martins (1967), chama atenção ainda um outro tipo, a comparação intensiva. Para a autora, isso decorre da associação entre o evento real e positivo, na oração principal, e a suposição desse mesmo evento, na oração subordinada. Além disso, ela afirma que os verbos presentes no segundo aspecto da comparação, como “supor, querer, pedir, prometer”, são geralmente identificados na descrição linguística como verbos epistêmicos. São aqueles que revelam o grau de envolvimento do falante e do ouvinte com a factualidade da declaração proferida, modalizando o discurso, avaliando o estado de coisas hipoteticamente e fortalecendo a confiança do ouvinte na proposição comunicada.

## **2. MÉTODO: COLETA DE DADOS EM *CORPUS* E TAREFA PSICOLINGUÍSTICA**

Nos estudos linguísticos baseados no uso, tanto a Linguística de *Corpus* quanto os experimentos psicolinguísticos têm se revelado altamente vantajosos. Essas abordagens de análise não apenas proporcionam parâmetros qualitativos para entender o comportamento linguístico, mas também possibilitam a quantificação dos dados, permitindo a identificação de generalizações linguísticas. Os pormenores relativos aos procedimentos adotados, de uma maneira ou de outra, serão detalhados nas seções subsequentes.

### **2.1 A coleta de dados em *corpus***

Na perspectiva da Linguística de *Corpus*, quanto maior o número de dados, potencialmente mais representativo da realidade de uma língua ele se torna. Diante disso, esta investigação comprometeu-se com a frequência de ocorrência de traços lexicais, estruturais e discursivos das estruturas observadas, dentro de um grande número de palavras. Para isso, este estudo selecionou o *Corpus do Português* (CdP), criado por Mark Davies (professor da Brigham Young University —BYU) e Michael Ferreira (professor da Georgetown University

— Georgetown U). O material está disponível em <http://corpusdoportugues.org> e é composto de fontes variadas, atualizadas a cada dez dias, com 45 milhões de palavras no Português do Brasil, distribuídas em textos de diversos gêneros e épocas (há dados que se estendem entre o século XVI e XXI)<sup>4</sup>.

Frisa-se que a hipótese estabelecida aqui é de que certos verbos epistêmicos, especialmente quando conjugados na terceira pessoa do modo imperativo, podem exibir variabilidade formal e semântica em diversos contextos, incluindo aqueles de comparação. Da mesma forma, os padrões lexicais e colocados que permeiam essas estruturas podem revelar regularidades e idiosincrasias. Este trabalho busca explorar esses elementos, visando identificar os parâmetros sintáticos, semânticos e discursivos que influenciam o uso desses verbos.

Apesar de estabelecer esse objetivo, dois desafios fundamentais surgiram durante a análise: i) a alta produtividade dessas construções na língua em uso e ii) a falta de um *corpus* semanticamente anotado. Para mitigar a complexidade da investigação, optou-se por uma estratégia de compilação em uma abordagem *bottom-up*. Inicialmente, a abordagem consistiu em analisar a frequência de ocorrência (token) de cinco construções: *imagine que*, *vamos imaginar que*, *suponha que*, *vamos supor que* e *pense que*. A locução verbal *vamos pensar*, foi dispensada, uma vez que, no *corpus* compilado, apresentou menor recorrência significativa. Além disso, determinou-se a frequência de tipo () de cada construção observada, de modo que fosse possível i) identificar quais delas materializam o papel intersubjetivo comum às estruturas de comparação canônicas e ii) detectar padrões linguísticos que as caracterizassem. Como a anotação semântica do *corpus* era insuficiente/inexistente, a identificação dos *s* exigiu uma análise semiautomática dos contextos, resultante de amostragens estatisticamente controladas pela própria plataforma de busca.

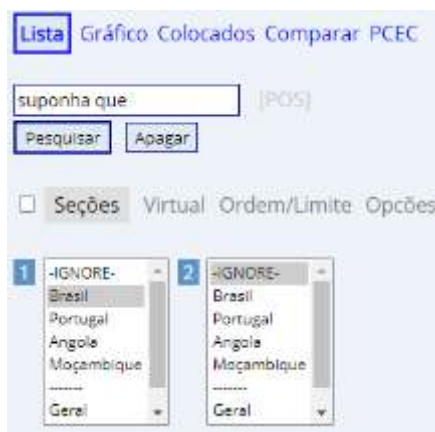
Cada uma dessas estruturas foi examinada em termos de sua frequência absoluta em um conjunto de 32.709.407 palavras em português. O espaço reservado para a palavra-chave foi preenchido pelo agrupamento lexical, isto é, as construções [(**V<sub>aux</sub>**) **V<sub>epis</sub>** **que**], dispensando, o que dispensou outras formas. Além disso, como se trata de um *corpus* de língua geral, as

---

<sup>4</sup> Os dados desta pesquisa foram selecionados a partir de uma das quatro plataformas disponíveis no Corpus, denominada Web/Dialetos. A aba Web/Dialetos contém aproximadamente um bilhão de palavras em português, coletadas em mais de um milhão de páginas da web de quatro países: Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. A plataforma foi implementada em 2016, compilando textos produzidos entre 2013 e 2014. Em relação à categorização por gênero, há uma abordagem menos rígida: as seções diferenciam textos diversos da internet (seção Geral) e textos exclusivamente publicados em blogs (seção Blogs). Além disso, a escolha dos textos é realizada de maneira aleatória, mesclando manifestações de língua oral e escrita.

opções de dialeto também foram assinaladas para controlar os usos no português do Brasil, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 — Menu de busca oferecido no Corpus do Português.



Fonte: *Corpus do Português* (Davies, 2022)

Ao comparar os cinco itens, observa-se que *pense que* e *imagine que* são os usos mais frequentes, com 4082 e 3017 ocorrências, respectivamente.

Tabela 1 — Termos de busca ranqueados em frequência de ocorrência (token)

RANK	TERMO DE BUSCA	FREQUÊNCIA ABSOLUTA
1	<i>PENSE QUE</i>	4082
2	<i>IMAGINE QUE</i>	3017
3	<i>SUPONHA QUE</i>	1266
4	<i>VAMOS SUPOR QUE</i>	1042
5	<i>VAMOS IMAGINAR QUE</i>	272
TOTAL TOKENS		<b>9679</b>

Fonte: autoria própria.

Em seguida, a partir da sintaxe de busca estabelecida para a seleção das ocorrências, observou-se o padrão de uso dos seus colocados, ou seja, a coocorrência entre a expressão buscada e os seus limites do co-texto. Vale lembrar que não se tratava de um *corpus* anotado em termos semânticos e/ou discursivos, além de ser insuficientemente etiquetado em termos estruturais — não era possível distinguir tipos de conector (*que* pronome, e *que* conjunção, por exemplo) ou o modo verbal, por exemplo. Por isso, a frequência *type* precisou seguir uma

estratégia que permitisse ao pesquisador controlá-la e medi-la estatisticamente na própria ferramenta de extração. Desse modo, dividiu-se a metodologia de trabalho em duas etapas: i) a verificação das palavras-chave em contexto e ii) a constituição de um *subcorpus* de análise. Utilizando o concordanciador automático da plataforma, realizou-se uma análise horizontal, examinando as relações sintagmáticas, e uma análise vertical, interpretando os contextos das linhas de concordância, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 — Análise horizontal e vertical das linhas de concordância

The image shows a concordance tool interface with a grid of text lines. Each line represents a search result. The words 'você', 'precisa', 'ser', and 'operado' are highlighted in blue, pink, and purple respectively. A red box highlights a vertical sequence of words across several lines: 'você', 'precisa', 'tirar', 'dúvidas', 'sobre', 'sua', 'conta', 'ou', 'seu', 'saldo', 'pudesse', 'criar', 'condições', 'tão', 'agradáveis', 'que', 'um', 'quer', 'ser', 'roteirista', 'seja', 'apaixonado', 'por', 'uma', 'giganta', 'que', 'nunca', 'lhe', 'de', 'pegar', 'os', 'corpos', 'dos', 'seres', 'quando', 'seja', 'condenado', 'a', 'prisão', 'por', 'falar', 'que', 'a', 'chacina', 'seja', 'um', 'exportador', 'de', 'sapatos', 'Você', 'envia', 'uma', 'a', 'sua', 'disposição', 'uma', 'cozinha', 'mágica', 'com', '300', 'mensais', 'para', 'investir', 'O', 'dinheiro', 'está', 'curioso', 'e', 'que', 'gosta', 'de', 'brincar', 'com', 'uma', 'decisão', 'a', 'fazer', 'qualquer', 'coisa', 'Imagine', 'fez', 'tudo', 'certo', 'em', 'toda', 'a', 'sua', 'vida', 'está', 'preparado', 'muito', 'bem', 'para', 'montar', 'seu', 'um', 'filho', 'pequeno', 'e', 'você', 'o', 'pai'.

Fonte: *Corpus* do Português.

Inicialmente, para identificar a proeminência dos termos colocados e compreender seus possíveis efeitos de coerção sobre as características linguísticas das expressões de busca, foi estabelecido um limite máximo de 2 (duas) janelas à esquerda e à direita em cada linha. Além disso, definiu-se o critério de 200 ocorrências por palavra-chave em contexto, que foram ordenadas alfabeticamente. A busca estabeleceu o nível 3 de informação mútua, um índice estatístico que calcula a relação entre frequência e dependência entre a expressão de busca e os termos circundantes. Na Tabela 2 estão apresentadas as informações de frequência dos termos mais recorrentes à direita, enquanto na Tabela 3 estão os termos mais recorrentes à esquerda. As expressões lematizadas, representadas em letras maiúsculas, indicam os lemas correspondentes às suas formas flexionadas em tokens. Além disso, foram eliminados manualmente dados duplicados que não foram devidamente filtrados pelo concordanciador.

Tabela 2 — Ranking de frequência por ocorrência: recorrência à direita

PENSE QUE	IMAGINE QUE	SUPONHA QUE	VAMOS SUPOR QUE	VAMOS QUE	IMAGINAR
A/O 44	você 44	você 47	A/O 36	A/O	48
ELE 12	UM 17	A/O 40	você 34	você	22
É 12	A/O 31	UM 24	Eu 13	UM	13

você	10	,	7	eu	9	UM	13	eu	9
eu	8	ESTAR	6	EM	8	Seja	9	ELE	6
se (conj.)	7	TER	6	,	8	Seria	9	QUERER	6
ESTAR	6	ELE	5	ELE	5	TER	7	ESTAR	5
TUDO	6	EXISTIR	3	SEU	5	ELE	6	ESTE	5
ESTE	5	não	3	QUERER	4	ESTAR	5	alguém	4
não	5	vai	3	se (pron.)	4	,	5	EM	4
UM	5	absurdo	2	TER	4	HAVER	4	não	4
vai	4	alguém	2	alguém	3	Não	4	duas	3
ESSE	3	cada	2	EXISTIR	2	É	4	,	3
foi	3	chega	2	lhe	2	Foi	3	cada	2
formam	3	depois	2	seja	2	QUERER	3	era	2

Fonte: *Corpus do Português*.

Tabela 3 — Ranking de frequência por ocorrência: recorrência à esquerda

PENSE QUE	IMAGINE QUE	SUPONHA QUE	VAMOS SUPOR QUE	VAMOS QUERER	IMAGINAR				
não	74	,	99	.	87	?	75	.	71
se (pron.)	22	:	18	,	31	;	43	,	35
quem	14	agora	14	:	13	:	19	mas	15
,	13	?	14	?	12	...	14	;	15
.	12	!	6	—	4	.	12	?	13
que	9	não	4	que	3	—	5	—	6
você	9	e	3	"	3	,	3	e	3
e	8	mas	2	)	3	(	2	&	3
ela/ele	6	“	2	3.	2	)	2	então	2
mas	4	(	2	agora	2	Agora	1	exemplo	2
ninguém	4	...	2	exemplo	2	E	1	!	2
alguém	3	.	1	mas	2	Então	1	“	2
talvez	3	coletiva	1	não	2	Exemplo	1	...	2
embora	2	criança	1	“	2	Kms	1	2	1
eu	2	cuidado	1	...	2	lâmpadas	1	2:	1

Fonte: *Corpus do Português*.

Após a identificação dos termos mais recorrentes, retornou-se à plataforma do *Corpus* com o objetivo de estabelecer novas sintaxes de busca, examinar as linhas de concordância e identificar padrões mais específicos em um *subcorpus* compilado. Dessa forma, tornou-se possível categorizar as instâncias de acordo com os pressupostos linguísticos relevantes para a investigação. O novo *corpus* especializado foi composto por aproximadamente 7 milhões de palavras (6.558.941), provenientes de 250 textos em português brasileiro de diversos gêneros. Essa quantidade justifica-se pela coleta de 50 textos para cada parâmetro linguístico, ou seja, a ocorrência das cinco expressões investigadas. É relevante mencionar que a plataforma do

*Corpus* possui um limite de 100 textos por busca, sem filtragem por país de origem. Assim, a metade desse limite foi o recorte adotado para considerar a variedade do Português do Brasil. Além disso, essa estratégia mostrou-se a mais eficaz para possibilitar a busca dos textos de acordo com a ocorrência de um grupo específico de palavras.

Feito isso, procedeu-se novamente à análise vertical e horizontal das linhas de concordância. No entanto, a busca revelou padrões distintos, decorrentes da lista de termos colocados mais frequentes, conforme apresentado nas tabelas 2 e 3. Além disso, a partir desse filtro, foi calculado o percentual de frequência dos cinco agrupamentos, considerando as 200 entradas listadas pela plataforma.

## 2.2 Tarefa psicolinguística

Esta etapa da pesquisa complementa análise de *corpus* no sentido de aplicar um experimento<sup>5</sup> nomeado *tarefa de julgamento para enunciados comparativos*, cujo objetivo era medir o tamanho da preferência de uma construção em relação a outras. Trata-se de uma adaptação de outro teste psicolinguístico, denominado *julgamento de aceitabilidade* (Oliveira; Sá, 2013), um experimento *off-line* que envolve a percepção de um falante acerca das unidades linguísticas.

O uso deste teste é justificado como uma forma de avaliar a realidade psicológica das construções imperativas de atitude proposicional, partindo da hipótese de que elas funcionam como construções comparativas em nível discursivo e, embora não sejam as prototípicas, são percebidas pelos falantes do Português Brasileiro (PB) como formas regulares e convencionais de expressar comparações.

Para testar esses usos, consideraram-se como construções comparativas não prototípicas dois tipos de exemplares, distribuídos de duas maneiras:

- a) construções oracionais, nas quais se incluem as cláusulas instanciadas por conectores comparativos gramaticalizados e pelo conector *enquanto*;
- b) construções discursivas, instanciadas por construções imperativas de atitude proposicional [ $V_{\text{epis}}$  que] e [ $(V_{\text{aux}}) V_{\text{epis}}$  que].

---

<sup>5</sup> Este é um experimento em conformidade com a Lei nº 13709, de Proteção de Dados, e está vinculado a um projeto avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS). O projeto, intitulado "Da gramática ao discurso: um estudo sobre a rede de construções comparativas no português do Brasil", possui Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 57018522.3.0000.5347 e foi aprovado no parecer nº 5.415.964.

O quadro 1, a seguir, esquematiza o delineamento do estudo.

Quadro 1 — Delineamento experimental: tarefa de julgamento para enunciados comparativos

<b>Desenho</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Delineamento intraparticipantes de um único grupo.</li> <li>• Variáveis categóricas: tipos de construção comparativa (oracional e discursiva) x grau de compreensão dessas estruturas (1, pouco a 5, muito).</li> <li>• Variáveis potencialmente intervenientes: histórico escolar, região, aptidão para leitura, aptidão para escrita e correção gramatical.</li> </ul>
<b>Amostra</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 290 participantes (grau de confiança de 95%; margem de erro de 5%).</li> <li>• Estudantes do Ensino Médio entre 15 e 20 anos, vinculados a quatro câmpus dos Institutos Federais (IF), de diferentes regiões do país.</li> </ul>
<b>Instrumento e materiais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questionário sociodemográfico.</li> <li>• Autoavaliação da experiência leitora, com escala Likert de 5 pontos.</li> <li>• Julgamento de enunciados comparativos, com escala Likert com 5 pontos. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Dez itens, com textos curtos (cinco com construções oracionais e cinco com construções discursivas).</li> <li>○ Primeiro item, instanciado por <i>que nem</i> itens restantes apresentados em ordem aleatória.</li> <li>○ Dois itens distratores, dentre os dez.</li> <li>○ Textos autênticos, coletados via <i>Corpus</i> do Português.</li> </ul> </li> <li>• Suporte didático para docentes aplicadores.</li> <li>• Acesso virtual, elaborado via Survey Monkey.</li> </ul>
<b>Procedimentos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contato e anuência das instituições de ensino;</li> <li>• Treinamento aos professores aplicadores; com suporte didático para ministrar aulas sobre a articulação de orações e parágrafos.</li> <li>• Convite aos estudantes.</li> <li>• Estudo transversal. <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Única aplicação para cada participante, em 10 sessões diferentes.</li> <li>○ Tempo limite de 20 minutos para cada aplicação.</li> </ul> </li> <li>• Uso de celular ou computadores, para acesso ao instrumento.</li> <li>• Processamento e tabulação via Survey Monkey<sup>6</sup>.</li> <li>• Análise estatística na linguagem R: Programa RStudio, versão 2023.09.1+494.</li> </ul>

Fonte: autoria própria.

O perfil dos participantes na amostra é justificado pelo fato de, nesta fase da aprendizagem, estarem em condições equiparadas para compreender e categorizar essas estruturas. Ainda assim, para garantir igualdade de condições na aplicação, os alunos foram treinados após aulas sobre a articulação do período composto como um mecanismo de coesão sequencial. Partiu-se do pressuposto de que, se todos foram instruídos sobre o tópico em algum momento do Ensino Fundamental, as aulas teriam o propósito de reativar a memória e incentivar o uso desse recurso na leitura e escrita<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> As respostas foram automaticamente processadas na plataforma Survey Monkey e ajustadas para manter o anonimato, aderir aos critérios de exclusão e viabilizar a análise estatística.

<sup>7</sup> Os participantes, incluindo alunos e professores, foram requeridos a consentir sua participação no estudo mediante a assinatura de Termos de Compromisso e Assentimento Livre e Esclarecido. Esses termos destacaram os riscos mínimos, como fadiga, e os benefícios da pesquisa, incluindo a reflexão sobre aspectos relevantes ao

Quanto aos itens, o conjunto de construções oracionais foi escolhido em um continuum de prototipicidade, indo de estruturas mais próximas aos usos prototípicos, ou seja, o das orações subordinadas adverbiais comparativas (com "que nem", "tipo" e "igual") até os mais distantes, instanciados por *enquanto*. No grupo de construções discursivas, incluíram-se, além dos distratores, três instâncias que, na perspectiva do analista, poderiam evocar comparação no nível do discurso, baseados em dois parâmetros: o nível de articulação entre os polos da comparação e a presença de colocados coercitivos, conferidos anteriormente na análise de *corpus*. Os dez itens estão listados no Quadro 2.

Quadro 2 — Itens do instrumento

TIPO DE CONSTRUÇÃO		NÚMERO DO ITEM	ENUNCIADO
Oracional	Comparativa assimilativa não prototípica	Item 01	<i>Opinião é [que nem roupa]</i>
		Item 02	<i>Como é que se é feliz? [Tem alguma receita, tipo fazer bolo?]</i>
		Item 03	<i>[Igual ao ministro do antigo presidente,] Dilma defende um serviço público elitizado e enxuto.</i>
	Comparativo-contrastiva proporcional	Item 04	<i>No acumulado do ano, a RPK da Azul cresceu 13, 7%, [enquanto a ASK teve avanço de 10, 4%.]</i>
	Comparativo-contrastiva de desigualdade	Item 05	<i>A nova estrada poderia ser concedida à iniciativa privada, [enquanto a antiga ficaria como opção].</i>
Discursiva	Imperativa de atitude proposicional de um período, sem colocado coercitivo	Item 06	<i>Sempre que for postar algo, imagine que você está postando em um local que pode ter o alcance de milhares de pessoas.</i>
	Distrator 01	Item 07	<i>Mesmo com séculos de esforços ninguém conseguiu provar a existência de Deus. Apesar disso, as pessoas geralmente acham que podem provar logicamente a existência de Deus.</i>
	Diistrator 02	Item 08	<i>Se você quer um pedacinho do paraíso, acredite em Deus. Mas se você quer conquistar o mundo, acredite em você, porque Deus já te deu tudo o que você precisa para você vencer.</i>

ensino e ao uso da língua portuguesa. Os docentes receberam um suporte didático para minimizar efeitos adversos. O material didático, preparado pelo pesquisador, incluiu instruções detalhadas para a aplicação da tarefa, a fim de motivar a participação dos estudantes e igualar as condições de aplicação.

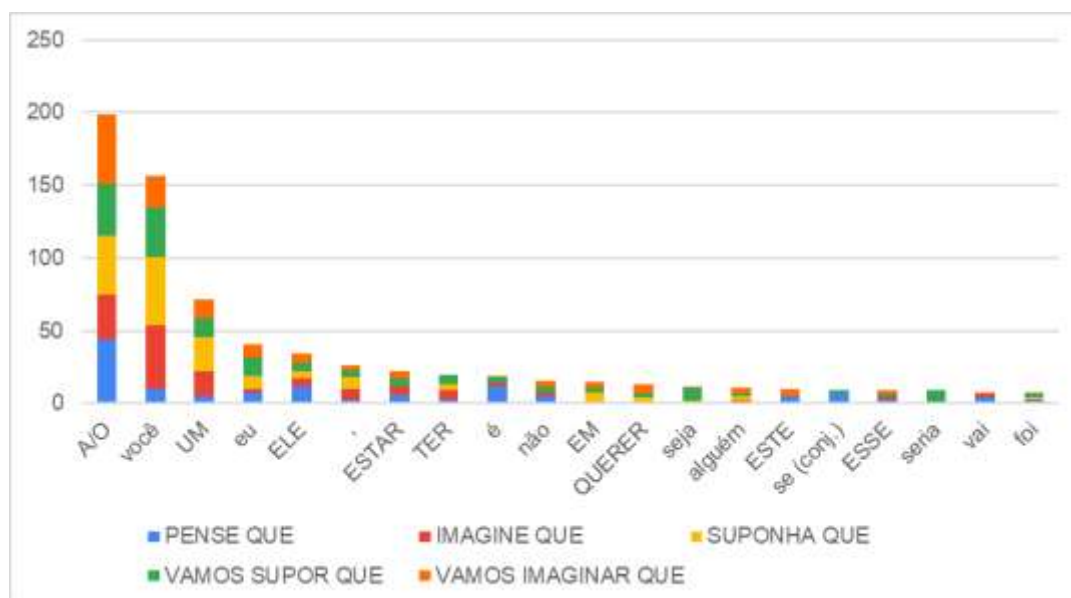
	Imperativa de atitude proposicional, com mais de um período, sem colocado coercitivo	Item 09	<i>Não se desestimize se seu amor encontrar incompreensão. <b>Pense que</b> você estará fazendo a parte que lhe cabe.</i>
	Imperativa de atitude proposicional com mais de um período, com colocado coercitivo	Item 10	<b>Imagine que</b> eu tenho uma terrível discussão com o meu vizinho. Saio de casa e quebro o para-brisas do carro dele. É compreensível. É errado, mas faz sentido. (...) <u>Mas imagine que</u> vou na rua e paro subitamente junto a um carro qualquer e desato a partir-lhe os vidros. Ninguém vai compreender.

Fonte: autoria própria.

### 3. ANÁLISE DE DADOS EM CORPUS

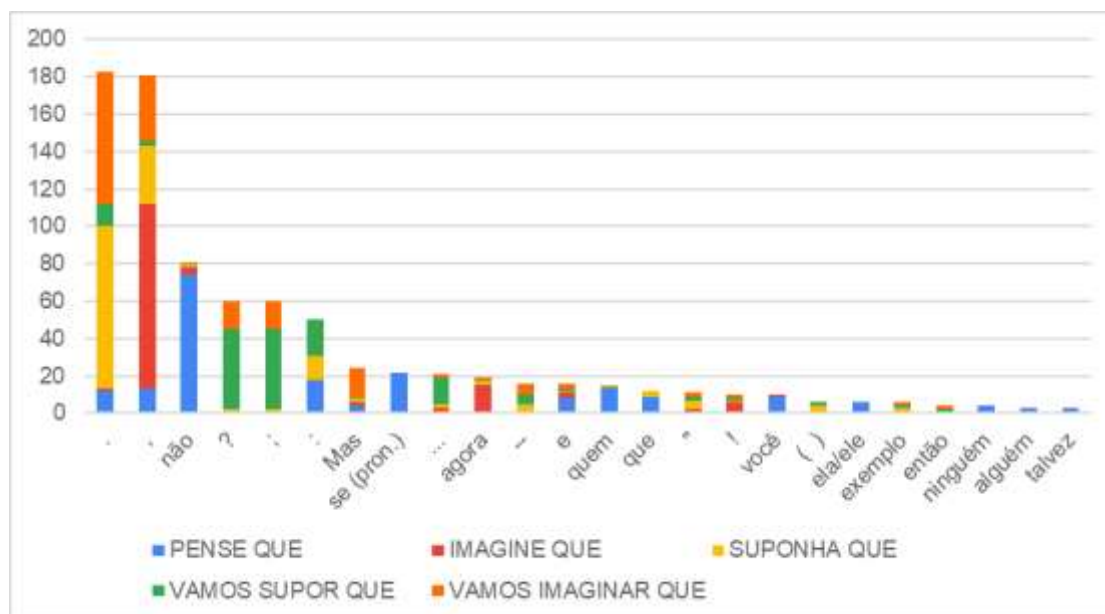
O início da análise envolveu uma comparação quantitativa da frequência dos termos à direita e à esquerda das expressões de busca, conforme evidenciado nas tabelas 2 e 3. Os gráficos 1 e 2 subsequentes apresentam, em ordem decrescente, os itens mais frequentes.

Gráfico 1 — Frequência absoluta das expressões de busca à direita



Fonte: Corpus do Português.

Gráfico 2 — Frequência absoluta das expressões de busca à esquerda.



Fonte: *Corpus* do Português.

Especialmente à direita, observou-se uma recorrência de pronomes pessoais, sugerindo uma participação fluida das pessoas do discurso. Na maioria dos casos, esses pronomes atuam como sujeito exposto na oração subsequente às construções imperativas. À direita, as primeiras posições são predominantemente ocupadas por palavras de alta frequência na língua em geral, como artigos, pronomes e verbos auxiliares. Notavelmente, no entanto, destaca-se o conector condicional *se*, que media as relações entre fato e hipótese.

Nos colocados à esquerda, também se observa a presença de palavras de alta frequência, mas as combinações são mais diversas. Entre os lexemas, o advérbio *não* é o termo mais frequente, em razão da recorrência de dois agrupamentos específicos: *mas não pense que* e *não há quem pense que*. Em seguida, notam-se o operador discursivo *mas* e o pronome *se* com valor indeterminado. Outros operadores discursivos, como *que*, *embora*, *talvez*, *(por) exemplo* surgem, assim como outros indeterminadores, como os pronomes *quem*, *alguém* e *ninguém*.

Vale destacar que, apesar das filtragens da ferramenta, os sinais de pontuação surgiram como colocados recorrentes. Assim, observou-se, no subcorpus, os contextos em que apareciam. Junto à *imagine que*, *vamos imaginar que* e *vamos supor que*, por exemplo, era comum os símbolos marcassem o término de uma proposição e o início de outra. Além disso, quando pontuadas por vírgulas, dois-pontos ou outro sinal que não encerrasse necessariamente um enunciado, era comum o uso de operadores discursivos, como *agora*, *por exemplo* e *então*.

Era previsível, ainda, que a informação posterior a estes colocados se tornassem a base do conteúdo conceptual (fundo) de outra informação central (figura).

Observar essas características estimulou uma distinção referente à relação entre os enunciados que antecedem e sucedem as construções. Para isso, listaram-se todas as instâncias coletadas no *subcorpus*, caracterizando-as como articulantes ou não articulantes, de modo que, em um *continuum*, as primeiras seriam um conjunto de palavras mais agrupado, que desempenharia o papel similar ao de marcadores discursivos, e as últimas seriam menos agrupadas. Isso foi orientado por três critérios gerais de análise — modalização, (inter)subjativização e relação entre cláusulas — conforme ilustra o Quadro 3, seguinte.

Quadro 3 — Continuum de categorização para as instâncias de [(V<sub>aux</sub>)V<sub>epist.</sub> que

CRITÉRIOS	Articulante	Não articulante
Modalização	<i>sim</i>	<i>não</i>
(Inter)subjativização	<i>sim</i>	<i>não</i>
Dessentencialização	<i>sim</i>	<i>não</i>

Fonte: A autoria própria.

Uma análise mais qualitativa permitiu observar que muitas das estruturas introduzem exemplos fictícios e mediam relações de contraste e de comparação. Exemplifica esse padrão o exemplo (4), extraídos do *subcorpus*.

(4) *Imagine que eu tenho uma terrível discussão com o meu vizinho. Saio de casa e quebrou o pára-brisas do carro dele. É compreensível. É errado, mas faz sentido. Serei multado, e o assunto está encerrado. Mas imagine que vou na rua e paro subitamente junto a um carro qualquer e desato a partir-lhe os vidros. Ninguém vai compreender.*

É interessante notar que, neste exemplo, há ruptura da realidade para o hipotético, sugerindo a comparação entre dois polos que representam diferentes estados de coisa. Assim como acontece em muitas construções de comparação (cf. Thompson, 2019), o *frame*<sup>8</sup> de exemplo é evocado a partir da comparação subjacente. Por estar vinculada a uma cena específica, a comparação incluir modalizadores e padrões intersubjetivos específicos para ilustrar uma hipótese àqueles que participam da situação comunicativa.

Em termos discursivos, no entanto, essas estruturas sugerem orientações discursivas variadas. Para compreender essa distinção, filtraram-se todas as ocorrências nas quais as

<sup>8</sup> Em Fillmore (1982), define-se como *frame* um sistema de conceitos interdependentes, de forma que, para entender qualquer um deles é preciso entender toda a estrutura que os evoca

estruturas eram articulantes. Em seguida, as cinco construções em potencial foram avaliadas em quatro fatores: 1) circunscrição em um *frame* de exemplo, 2) ambiguidade no conteúdo semântico dos verbos; 3) esquematicidade da construção (mais aberta ou mais fechada); 4) presença de colocados coercitivos. Além disso, todas foram submetidas a uma análise de frequência, levando em consideração a sequência textual (protótipo de texto). Ao todo, foram analisadas 622 ocorrências de construções imperativas articulantes, representando 62% da amostra no *subcorpus*. As associações entre os *types* as outras variáveis foram quando possível, medidas estatisticamente em um teste de independência  $\chi^2$  (qui-quadrado), considerando frequências observadas e esperadas<sup>9</sup>.

Na relação entre os *types*, as quatro variáveis foram classificadas dicotomicamente, de modo que fosse observada uma relação positiva ou negativa. Em geral, o teste foi estatisticamente significativo e cada uma das construções apresentou algum tipo de associação positiva (frequência observada > frequência esperada), como aponta a Tabela 4.

Tabela 4 — Correlação  $\chi^2$ : variáveis dicotômicas por *types*

		<b>Frame de exemplo</b>	<b>Ambiguidade semântica</b>	<b>Esquematicidade</b>	<b>Colocados coercitivos</b>
PENSE QUE	freq. observada	0	3	50	5
	freq. esperada	21	9.3	23	4.7
IMAGINE QUE	freq. observada	179	182	184	39
	freq. esperada	211.3	93.9	231.8	47
SUPONHA QUE	freq. observada	188	0	188	29
	freq. esperada	146.5	65.1	160.8	32.6
VAMOS SUPOR QUE	freq. observada	133	0	133	35
	freq. esperada	108.9	48.4	119.5	24.2

<sup>9</sup> Em tais situações, um critério significativo era adotado: as correlações eram consideradas apenas se o teste fosse estatisticamente relevante, ou seja, atendessem ao nível de significância preestabelecido (0,05), e se as frequências observadas superassem as esperadas.

VAMOS IMAGINAR QUE	freq. observada	67	67	67	18
	freq. esperada	79.2	35.2	86.9	17.6
$p < 2e-16$ ; minimum expected: 4.663689 expected < 5: 1 de 20 (5%)					

Fonte: autoria própria

Conforme apontam os dados, houve baixa incidência de colocados coercitivos em todos os *types*. As instâncias com o verbo *imaginar* abrangem principalmente os fatores de circunscrição em *frame* de exemplo, esquematicidade e ambiguidade, embora a correlação seja estatisticamente relevante apenas com a última variável. Por outro lado, as instâncias com os verbos "pensar" e "supor" são altamente esquemáticas, permitindo a substituição por outros verbos epistêmicos. Nota-se ainda que as instâncias com o verbo *supor* foram as mais transparentes, sem flutuação em seu significado, o de tornar a proposição seguinte em uma hipótese.

Já em relação às sequências textuais, os dados foram distribuídos em seis categorias, conforme aponta a Tabela 5 e a Tabela 6.

Tabela 5 — Frequência de ocorrência: *type* x sequência textual.

	PENSE QUE	IMAGINE QUE	SUPONHA QUE	VAMOS SUPOR QUE	VAMOS IMAGINAR QUE	TOTAL
NARRATIVA	6	165	147	106	49	473
DESCRITIVA	1	18	41	27	18	105
ARGUMENTATIVA	40	-	-	-	-	40
EXPOSITIVA	2	1	-	-	-	3
INJUNTIVA	-	-	-	-	-	0
DIALOGAL	1	-	-	-	-	1

Fonte: autoria própria.

Tabela 6 — Correlação  $\chi^2$ : sequências narrativas e descritivas por *types*

PENSE QUE	freq. Observada freq. esperada	Narrativo	Descritivo
		6 5.7	1 1.3

IMAGINE QUE	freq. Observada freq.esperada	165 148.7	18 34.3
SUPONHA QUE	freq. Observada freq.esperada	147 152.8	41 35.2
VAMOS SUPOR QUE	freq. Observada freq.esperada	106 108.1	27 24.9
VAMOS IMAGINAR QUE	freq. Observada freq.esperada	49 57.7	18 13.3
<i>p = 0.00124; minimum expected: 1.310997 expected &lt; 5: 1 de 10 (10%)</i>			

Fonte: autoria própria

No que se refere às sequências, a maioria das estruturas observadas introduziu a descrição de ações, composta por excertos descritivos (16,88% das ocorrências) e narrativos (76,05% das ocorrências). Em termos estatísticos, a correlação entre as sequências e os *types* foi mensurada apenas nas ocorrências narrativas e descritivas, que não apresentaram caselas nulas na tabela de contingência. Conforme demonstrado na Tabela 6, as frequências observadas excederam as esperadas em ambas as variáveis, alternando-se entre os "*types*". Os dados com "imagine que" concentram-se na tipologia narrativa, enquanto os outros "*types*" incidem na tipologia descritiva. É importante mencionar que, em *pense que*, não são encontradas ocorrências com *frame* de exemplo. Em geral, a orientação é mais argumentativa, como em (5).

(5) *Não se desestimule se seu amor encontrar incompreensão. Pense que você estará fazendo a parte que lhe cabe.*

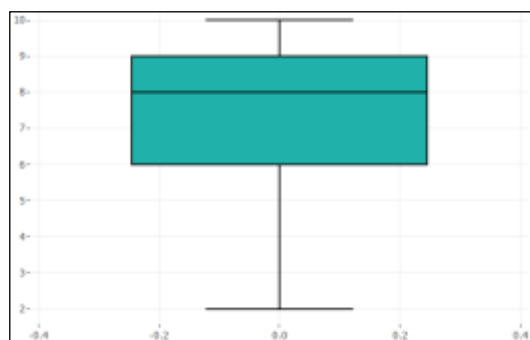
Diante disso, houve percepção de que, em termos discursivo-pragmáticos, as construções imperativas de atitude proposicional poderiam ser tipificadas de maneiras distintas. Embora sempre seja criado um espaço de hipótese, algumas delas podem estar mais alinhadas ao papel de caracterizador da comparação, enquanto outras não; ou sofrerem a influência dos colocados coercitivos, enquanto outras seriam mais independentes. Isso motivou a segunda etapa da análise, de natureza experimental.

#### 4. ANÁLISE DA TAREFA EXPERIMENTAL

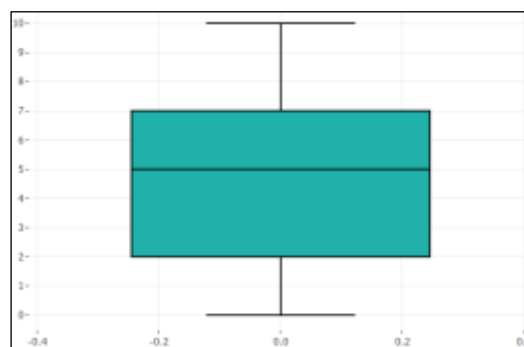
A aplicação do experimento psicolinguístico foi conduzida em ambiente escolar, todos com um aplicador responsável, seguindo condições equivalentes. Os participantes que completaram a tarefa não relataram quadros clínicos psiquiátricos que pudessem comprometer as respostas. A maioria dos estudantes em escola pública no Ensino Fundamental (65,2%) e a média de idade foi 17,3 anos. O tempo médio para concluir a tarefa foi de 12 minutos.

Na análise das habilidades de leitura, de escrita e de correção gramatical, as respostas oscilaram mais nas duas últimas variáveis. A maior parte considera-se apta na leitura, optando pelos índices mais altos da escala (4 e 5). Por outro lado, foram menos confiantes em relação à escrita e correção gramatical, em que as respostas variam mais entre os níveis 3 e 4.

Para a análise do grau de compreensão dos informantes, houve duas tentativas. Primeiramente, agrupou-se a resposta dos dois grupos (cinco itens em cada um). Posteriormente, apenas três itens de cada grupo foram agrupados, a fim de eliminar as respostas aos distratores e equilibrar a análise em termos qualitativos (comparação assimilativa “que nem”, “tipo” e “igual” *versus* comparação discursiva). Em ambas as análises, os resultados indicaram que, em relação à compreensão semântica da comparação, as construções oracionais obtiveram um valor mais elevado (variação 6 a 9, 2º quartil de valor 8), enquanto as construções discursivas apresentaram um valor mais baixo (variação 2 a 7, 2º quartil de valor 5). Os Gráficos 3 e 4, se comparados, podem ilustrar essa diferença.

Gráfico 3 — Grau de compreensão das construções oracionais: *boxplot*.

Fonte: Autoria própria.

Gráfico 4 — Grau de compreensão das construções discursivas: *boxplot*.

Fonte: Autoria própria.

Esses conjuntos também foram relacionados às demais variáveis da pesquisa, revelando cinco correlações estatisticamente significativas. Em termos das variáveis de autoavaliação, a associação sugere que o desempenho superior em leitura e correção gramatical está vinculado às respostas de maior grau nos julgamentos — ou, em uma interpretação mais específica, as frases foram mais bem compreendidas quando integravam o grupo das construções oracionais. Em outras palavras, o domínio em relação à língua pode ter interferido no tipo de julgamento feito pelos estudantes. A Tabela 7 descreve o p-valor de cada teste e destaca aqueles que apresentam correlação estatística relevante ( $p < 0,05$ ).

Tabela 7 — p-valor: grupos de construções e as variáveis autoavaliativas (Teste de Kruskal-Wallis<sup>10</sup>)

AUTOAVALIAÇÃO	Leitura	Escrita	Gramática
<b>CONSTRUÇÃO</b>			
Oracional	<b>0.0367</b>	0.1109	<b>1e-04</b>
Discursiva	0.0724	0.4716	0.515

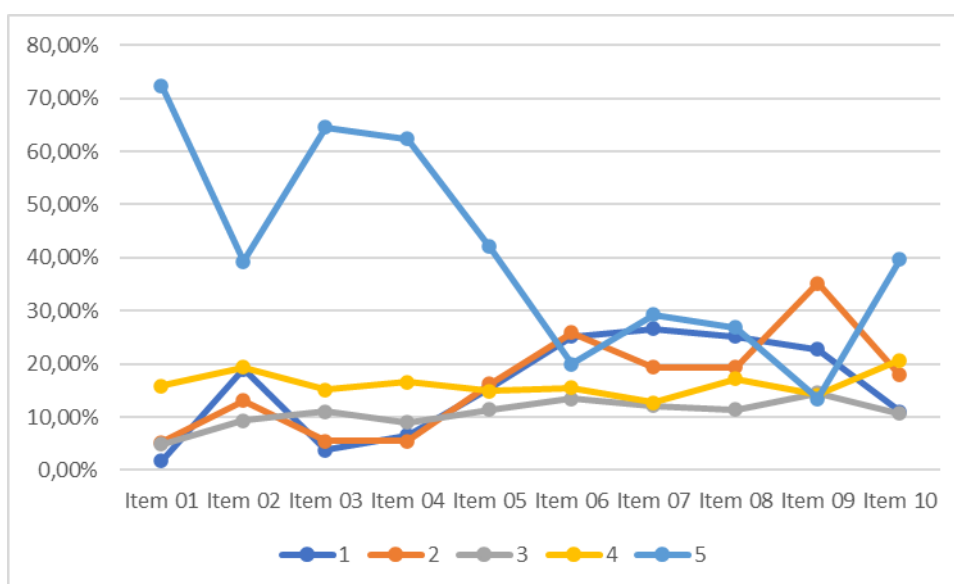
Fonte: Autoria própria.

Na análise individual, item a item, também há considerações importantes. Vejamos o Gráfico 5, que ilustra o nível de compreensão por item de 1 a 10<sup>11</sup>, considerando os níveis mais baixos da escala, 1 e 2; o nível central, 3; e níveis mais altos, 4 e 5.

<sup>10</sup> O Teste de Kruskal-Wallis é apropriado, pois possibilita a verificação da diferença significativa (ou ausência dela) entre os valores observados de uma variável quantitativa em diferentes grupos de uma variável qualitativa.

<sup>11</sup> A caracterização e numeração de cada item pode ser identificada no quadro 2.

Gráfico 5 — Porcentagem: grau de compreensão em cada tipo de construção comparativa



Fonte: autoria própria.

Conforme demonstra o Gráfico 5, a análise do grau de compreensão das estruturas revelou, individualmente, uma tendência positiva com a maioria das respostas concentrando-se nos níveis 4 ou 5 da escala. No grupo das estruturas oracionais, destaca-se que muitos respondentes (em média 56,14%) escolheram o grau 5 e o item constituído por *que nem* foi o mais bem compreendido (72,41%). Surpreendentemente, a construção contrastiva proporcional com *enquanto* também obteve alto índice de acertos (62,41%). No grupo das comparativas discursivas, o enunciado *imagine que* se destacou com o maior percentual indicador de comparação (39,66%). Por outro lado, a construção com *pense que* apresentou o maior percentual em grau 2, indicando que alguns respondentes não perceberam a comparação, mas não sabiam dizer o porquê.

## A DESCRIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE ATITUDE PROPOSICIONAL E O(S) SEU(S) EVENTO(S) DE USO

Nos termos de Langacker (2008), os contextos de uso de uma construção pode incluir a conceptualização de uma cena em que os interlocutores assumem uma perspectiva. Isso vai depender da proximidade que eles estabelecem com o evento e da proeminência de elementos que o integram. No que se refere às construções imperativas de atitude proposicional, parece

haver um arranjo<sup>12</sup> no qual um sujeito conceptualizador (ou emissor, ou o receptor) apresenta um evento contrafactual, com o objetivo de que ele seja comparado a um evento factual, que já foi ou será mencionado. Em outras palavras, as cinco construções, ainda que sejam semanticamente distintas, são perfiladas pela mesma base conceptual em um nível específico de organização (escopo imediato<sup>13</sup>). Assim, quando há uma comparação hipotética  $X \Leftrightarrow Y$ , o uso das construções acrescentam ao seu polo semântico a contrafactualidade em Y, tornando-as mediadoras na comparação entre fato e hipótese.

Se considerados os resultados da análise, o indicativo é de que todos os *s* apresentam exemplares que se enquadram na categoria de Construções Imperativas de Atitude Proposicional (CIAP). A instância *imagine que* parece ser a que captura a maioria das características compartilhadas com as outras, ocupando um lugar fundamental nessa categoria. É uma expressão muito frequente no *corpus* de língua geral e apresenta certa regularidade, atendo-se frequentemente à introdução de sequências narrativas. A construção, no entanto, tem orientação discursivo-pragmática ambígua.

Por outro lado, as instâncias com o verbo *supor* têm associações estatisticamente mais significativas, mas revelam-se menos favoráveis em relação à ambiguidade. Apesar de expressar um valor hipotético, o conteúdo semântico associado a esse verbo parece rigidamente restrito à noção geral de causalidade, evidenciado por sequências descritivas com orientação argumentativa centrada em relações de causa-efeito e condição.

Essa percepção só foi possível a partir do fato de que 1) essas unidades linguísticas são abstraídas de eventos de uso e 2) elas foram mensuradas quanto à produtividade e convencionalidade. Conforme defende os mais recentes modelos teóricos baseados no uso linguístico, a alta frequência (produtividade) não só afeta o armazenamento de unidades linguísticas, mas também fortalece os padrões da construção, ou em forma, ou em conteúdo.

Embora as construções discursivas abordadas nos itens do experimentonão tenham sido prontamente reconhecidas como formas potenciais de comparação, elas são exemplares que ajudam a categorizar as Construções Imperativas de Atitude Proposicional (CIAP), de três maneiras distintas. A primeira categoria é a de **CIAP cognitiva**, referindo-se mais diretamente à atividade mental, exemplificada em (6). A segunda, mais prevalente, é a CIAP argumentativa,

---

<sup>12</sup> Em Langacker (1987), a definição de “viewing arrangement” refere-se à construção de uma perspectiva, ou seja, de um arranjo específico para conceptualizar o mundo externo. Haveria um conceptualizador (V viewer) que ocupa uma posição táctica diante de um objeto é o seu foco de atenção.

<sup>13</sup> Segundo Langacker (2008), escopo é, ao lado da proeminência, uma das dimensões da conceptualização, que pode ser subcategorizado como *escopo máximo* e *escopo imediato*. O escopo máximo é o conjunto completo do conteúdo conceptual e escopo imediato é um recorte desse conteúdo, também nomeado de *onstage* ou de *locus* geral de atenção.

que envolve a elaboração de analogias orientadas a relações de causalidade, resultado, finalidade ou condição, como visto em (7). A terceira categoria é a CIAP elaborativa, que tem como objetivo construir uma hipótese que enquadre ou caracterize um evento factual por meio de uma comparação com um evento simulado ou contrafactual, **criando um arranjo modal ou comparativo**, do tipo (8).

(6) ... *Deus sempre nos dá forças para superar. Pense que agora sua prima está em paz e vivendo num lugar melhor..*

(7) *Tem que se tomar cuidado quando se compara números relativos. Vamos supor que um estado do Nordeste tenha valor um e São Paulo valor 100. O estado do Nordeste cresceu em um determinado período para o valor 2, ou seja 100 % e São Paulo cresceu para 110, ou seja, 10 % apenas. Entretanto, cresceu muito mais que o estado do Nordeste e se distanciou muito mais também. “Ah, mas o estado do Nordeste cresceu mais...” Vamos supor que o estado do Nordeste volte a crescer mais um e o seu valor vai para três. Veja o crescimento passou para apenas 50%! Então o estado que tem valores altos tem maior dificuldade em se equiparar relativamente a um estado com valor menor. Sendo assim, não é o crescimento da pobreza ou diminuição da pobreza que está em jogo nesta comparação equivocada, e sim um sistema de segurança.*

(8) *Pode ser um soco bem dado ou um chute bem mirado e sem dó! Mas preste atenção: é com força! sem dó! Imagine que é o último da sua vida!*

Na observação dos dados, as do tipo exemplificado em (8), mais próximas do ato elaborativo, foram apenas instanciadas por *pense que* e *imagine que*, expressões de mais alta frequência na língua geral. Isso permitiu que este artigo sugira, de acordo com as tendências de uso informadas por essa investigação até o momento, o seguinte esquema e a sua respectiva descrição, no Quadro 4.

Quadro 4 — Construção imperativa de atitude proposicional, em comparação hipotética: descrição

<b>Dimensão sintática</b>	<b>[E1]</b> Sequência textual diversa	<b>[V<sub>aux</sub> V<sub>epis</sub> que</b> Imperativo afirmativo Interrelação entre cláusulas	<b>E2.]</b> Sequência narrativa Sequência descritiva
<b>Dimensão semântica</b>	Enunciado factual	Verbo epistêmico	Enunciado contrafactual
<b>Dimensão discursivo- pragmática</b>	Elaboração Focalização (Inter)subjetividade		

Fonte: autoria própria

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as evidências que emergem (e podem emergir) desse recorte. Uma delas foi especificamente explorada na seção anterior: há construções imperativas de atitude proposicional altamente convencionais e produtivas, que instanciam relações de comparação no nível discursivo.

Dentre aspectos importantes, destacam-se dois que podem ser, no futuro, examinados mais detalhadamente. O primeiro diz respeito à comparação entre colocados em cada uma das construções. Há, por exemplo, nos sujeitos que sucedem as construções, maior recorrência de artigos definidos, se comparados aos indefinidos. Isso poderia apontar que os locutores costumam partilhar a hipótese que constroem. Observa-se também um número expressivo de verbos existenciais (TER, HAVER), além de verbos copulativos (SER, ESTAR). Não se sabe ainda se esses usos podem revelar uma tendência discursiva, de modo que sejam delimitados, de forma ainda mais precisa, os gêneros textuais mais comuns às tais construções imperativas de atitude proposicional. Já o segundo aspecto tange às relações circunstanciais que são instanciadas por essas construções. Embora o enfoque aqui seja lançado à comparação e outros valores semânticos tenham sido mencionados, é possível que emerjam outros valores semântico-pragmáticos que ainda não foram sondados.

Não se quer, com este artigo, encerrar a discussão, mas estimular que essas formas linguísticas sejam mais bem exploradas também em termos de significado, na mente ou na

interação. Trata-se de um trabalho ainda descritivo, que observa o contexto de uso dessas construções e que insinua (e apenas insinua!) a pertinência de uma análise *colostrucional* (STEFANOWITSCH & GRIES, 2003), ao interrelacionar construções e as suas preferências de colocação.

## **ORCID**

<https://orcid.org/0000-0001-9622-062X>

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Declaro não estar submetido a qualquer tipo de conflito de interesse junto aos participantes ou a qualquer outro colaborador, direto ou indireto, para o desenvolvimento desta pesquisa. Declaro ainda que minha atuação como pesquisador é independente, autônomo e comprometida com o interesse precípua de defesa de direitos e a segurança do(s) participante(s) de pesquisa nos termos da Resolução 466/12 e demais diretrizes éticas em pesquisas envolvendo seres humanos.

## **LINK PARA PREPRINT**

A inserir DOI. Registro em <http://preprint.org>.

Preprints ID: preprints-99150.

## **PRÉ-REGISTRO E PADRÕES DE PESQUISA E DECLARAÇÃO DE ÉTICA**

Esta pesquisa está em conformidade com a Lei nº 13709, de Proteção de Dados, e está vinculado a um projeto avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-UFRGS). O projeto, intitulado "Da gramática ao discurso: um estudo sobre a rede de construções comparativas no português do Brasil", possui Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 57018522.3.0000.5347 e foi aprovado no parecer nº 5.415.964.

## **DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS**

Os dados, códigos e materiais que apoiam as conclusões deste estudo estão disponíveis abertamente no Open Science Framework em <https://osf.io/wsn4y/files/osfstorage/65d0c0ff6c2a4003ee187981>.

## Referências

BAKHTIN, Michael *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, Mikhail. In: *Estética da criação verbal* Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a,

CASTILHO, Ataliba T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 1ª Ed. 3ª reimpressão. 2014.

CROFT, William & CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. Oxford: University Press, 2004.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: *Linguistics in the Morning Calm, Linguistic Society of Korea* (ed.) Seoul: Hanshin Publishing Company, p. 111-137, 1982.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press. 2006.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar approach to argument structure*. The University of Chicago Press: Chicago and London, 1995.

HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh University Press, 2014.

JOHNSON, Mark. 1987. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. Stanford university press, 1987.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

MARTINS, Nilce. Meios de exprimir a comparação no português atual do Brasil. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 12 (1967), 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3313>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al* (org.). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MCENERY, Tony; HARDIE, Andrew. *Corpus linguistics: Method, theory and practice*. Cambridge University Press, 2011.

PIRES, Robledo. *Forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho: a configuração de uma construção hiperbólica do Português*. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. 1983. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

RODRIGUES, Violeta; THOMPSON, Heloise. A relação de comparação no PB. *SEDA - Revista de Letras da Rural-RJ*, v. 5, n. 11, p. 161-181, 6 ago. 2020.

OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca de; SÁ, Thaís Maíra Machado de. Métodos off-line em psicolinguística: julgamento de aceitabilidade. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, v. 5, p. 77-96, 2013.

STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan Th. Collostructions: Investigating the interaction of words and constructions. *International journal of corpus linguistics*, v. 8, n. 2, p. 209-243, 2003.

THOMPSON, Heloise. *Construções comparativas assimilativas com tipo e igual: uma abordagem baseada no uso*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

VALENTIM, Helena Topa. *Um estudo semântico-enunciativo de predicados subjectivos do português*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa - Portugal, 2005.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.